

TECNOLOGIAS DIGITAIS: UMA NOVA “ÁGORA” OU UM MERO AGORA?

DIGITAL TECHNOLOGIES: A NEW “AGORA” OR JUST NOWNESS?

TECNOLOGÍAS DIGITALES: ¿UN NUEVO “ÁGORA” O UN MERO AHORA?

Thiago David Stadler

Doutor em História. Professor, Colegiado de Filosofia da Universidade Estadual do Paraná, União da Vitória
<https://orcid.org/0000-0002-9051-2506>
E-mail: thiago.stadler@ies.unespar.edu.br

Deleon Oliveira Santos

Mestre em Filosofia. Professor, Secretaria da Educação do Estado do Paraná, União da Vitória
<https://orcid.org/0000-0002-4074-4157>
E-mail: deo_missao@hotmail.com

RESUMO

As tecnologias digitais estão presentes nos mais diversos segmentos da nossa sociedade. Nas escolas não seria diferente. No entanto, a presença das tecnologias em sala de aula levanta algumas inquietações: será que as tecnologias não são utilizadas como meras atualizações de práticas pedagógicas já envelhecidas e, agora, apenas revigoradas por telas, jogos, aplicativos etc? Será que a inserção de tecnologias em sala de aula é sinônimo de melhoria da qualidade do ensino? No papel desempenhado pelos professores e professoras há de se adicionar uma formação em T.I? Tantas questões e poucas respostas. Neste jogo entre tecnofóbicos e tecnofílicos uma percepção nos acompanha: o tempo da Ágora não é o agora. O tempo da instrução e da educação não acompanha a velocidade das tecnologias, pois edificar a razão e a sensibilidade demanda tempo e permanente interesse.

Palavras-Chave: Conhecimento; Estudante; Informação, Tecnologias.

ABSTRACT

Digital technologies are present in the most diverse segments of our society. In schools it would be no different. However, the presence of technologies in the classroom raises some questions: are technologies not used as mere updates of pedagogical practices already aged and, now, only invigorated by screens, games, applications etc.? Is the insertion of technologies in the classroom synonymous of improvement in the quality of education? In the functions performed by teachers, is it necessary to add I.T. training? So many questions and few answers. In this game between technophobes and technophiles, a perception accompanies us: the time of the Agora is not now. The time of instruction and education does not follow the speed of technologies, because to build up reason and sensibility demands time and permanent interest.

Key-words: Information; Knowledge; Student; Technologies.

RESUMEM

Las tecnologías digitales están presentes en los más diversos segmentos de nuestra sociedad. En las escuelas no sería diferente. Sin embargo, la presencia de las tecnologías en las clases plantea algunos interrogantes: ¿no se utilizan las tecnologías como meras actualizaciones de prácticas pedagógicas ya envejecidas y, ahora, sólo dinamizadas por pantallas, juegos, app's etc.? ¿Es la inserción de las tecnologías en la clase sinónimo de mejora de la calidad de la enseñanza? ¿Es necesario añadir la formación en informática al papel que desempeñan los profesores? Tantas preguntas y tan pocas respuestas. En este juego entre tecnófobos y tecnófilos, nos acompaña una percepción: el tiempo del Ágora no es el ahora. El tiempo de la instrucción y la

educación no sigue la velocidad de las tecnologías, porque construir la razón y la sensibilidad exige tiempo e interés permanente.

Palabras-clave: Conocimiento; Estudiante; Información. Tecnologías.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quer queiramos ou não, o imperativo tecnológico está posto em nossos dias. Isso não quer dizer, é claro, que não possamos questionar os caminhos e as relações estabelecidas entre tecnologia, técnica e educação. Por exemplo: será que o dito “imperativo tecnológico” é algo assemelhado com um tipo de profecia que nos ajudará a erguer o cajado e atravessar pelo Mar Vermelho de angústias, incertezas, desafios e problemas do mundo da educação? Ou vivemos um tempo acostumado ao acesso descontrolado de informações e dominado por um tipo de falatório universal oriundo da permanência das tecnologias ao nosso redor? Sabemos que a mudança, a troca e o movimento fazem parte da história do viver humano e de suas necessidades em torno da busca do novo, da descoberta, do alargamento, da transformação etc. Nesse sentido, claro está, que as tecnologias podem contribuir demasiadamente nos reordenamentos sociais, econômicos, políticos, culturais, a tal ponto de serem confundidas com a própria evolução social do homem, como afirma Kenski (2012, p.21)

A evolução social do homem confunde-se com as tecnologias desenvolvidas e empregadas em cada época. Diferentes períodos da história da humanidade são historicamente reconhecidos pelo avanço tecnológico correspondente. As idades da pedra, do ferro e do ouro, por exemplo, correspondem ao momento histórico-social em que foram criadas “novas tecnologias” para o aproveitamento desses recursos da natureza, de forma a garantir melhor qualidade de vida.

Temos a tendência de desconsiderar ou de naturalizar os vários usos da pedra, do ferro e do papel, por exemplo, como avanços tecnológicos. Em seus respectivos momentos, tais avanços tecnológicos foram fundamentais para o controle, domínio e entendimento dos espaços ocupados pelos humanos. No entanto, o acúmulo de técnicas somado ao investimento financeiro em proporções pouco vistas ao longo da história ocidental, faz com que as tecnologias na contemporaneidade ganhem ares de radicalidade – em quantidade, qualidade, desproporcionalidade e fascínio. Não por acaso, autores como o próprio Kenski (2012) insistem na ideia de que a evolução tecnológica não se restringe

apenas aos novos usos de determinados equipamentos e produtos - como, por exemplo, a praticidade que um forno micro-ondas trouxe para nossa vida agitada e sem tempo. É preciso entender que as tecnologias transformam à nossa maneira de pensar, sentir e agir, isto é, que o vivenciar está mediado pelas tecnologias que nos são contemporâneas – seja o domínio/controlado do fogo ou o uso de um celular:

A ampliação e a banalização do uso de determinada tecnologia impõem-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo o grupo social. A descoberta da roda, por exemplo, transformou radicalmente as formas de deslocamento, redefiniu a produção, a comercialização e a estocagem de produtos e deu origem a inúmeras outras descobertas. A economia, a política e a divisão social do trabalho refletem os usos que os homens fazem das tecnologias que estão na base do sistema produtivo em diferentes épocas (KESNSKI, 2012, p. 21).

A cada nova invenção-interação-integração tecnológica potencializa-se o abalo de nossas antigas certezas e dos comportamentos solidificados ao redor das relações estabelecidas na sociabilidade mediada pelas tecnologias. De tal modo que conceitos como os de verdade, natureza e conhecimento são postos em novas dinâmicas como, por exemplo, pensando a partir da nossa atualidade, a linha que separa o real do virtual – basta refletirmos sobre os relacionamentos puramente virtuais que passam a determinar, alterar, mediar e incorporar outros comportamentos no modo de vida e na compreensão do que é a realidade para aqueles “amantes virtuais”.

Toda mudança que afeta a nossa confortável e cômoda rotina causa, é claro, estranheza. Mas estranheza, espanto, admiração e dúvida são princípios filosóficos indispensáveis para uma iniciação à Filosofia. Imaginemos a seguinte situação: de repente você chega em casa à noite, aperta o interruptor e tudo está fora do lugar. Alguns móveis foram trocados por outros mais novos. Outras mudanças também aconteceram na pintura e na estrutura interna. O primeiro impacto pode ser provocado pela dúvida de ter entrado realmente na casa certa. A depender das condições da mudança e dos modos de encará-la, as próximas sensações podem ser de tristeza e rejeição ou de admiração e acolhimento. Independente da alternativa o novo sempre traz desafios a serem encarados. Aí é necessário reorganizar os mapas geográficos das ideias e refletir sobre esse novo espaço em que você foi recém inserido. Demos, agora, o passo para o mundo digital: como pensar esse novo cenário epistemológico, social, ético e político, construído de softwares, pixels,

códigos, informações? Como acolher estas novas tecnologias se estávamos acostumados com uma “casa” organizada de um outro modo? O primeiro passo é compreender que a filosofia das tecnologias nos permite perceber que a tecnologia esteve diretamente relacionada com a história do ser, com a interação do homem com o mundo e como auxílio às novas descobertas. E a técnica da filosofia deve ser justamente a de investigar o real, instaurar a crise pela força do pensamento que tem como vocação ou devoção, segundo o filósofo alemão Heidegger, em “A questão da Técnica”, o questionamento (2007, p.36).

Os donos dos discursos midiáticos, palestrantes em semanas de formação educacional e propagandas oriundas da proliferação de cursos EAD, têm enfatizado a importância da tecnologia na área da educação. Julga-se que com elas há mais autonomia, mais interatividade, esforço cognitivo e, conseqüentemente, melhor aprendizagem por parte do alunado. Enquanto professores do Ensino Básico e do Ensino Superior, percebemos que o comportamento dos(as) alunos(as) segue em direção à necessidade de estarem sempre conectados ou distraídos nos aplicativos enquanto ministramos as nossas aulas – realidade mais aguda no Ensino Básico, é verdade. Seria tal comportamento um grito de socorro tecnológico frente as aulas entendidas como algo mecânico e sem técnica? Se assim for, e tivermos que partir da hipótese, de que as tecnologias se apresentam como indispensáveis no processo atual de aprendizagem, nossas práticas escolares estão muito distantes de atender ao pedido de socorro. Cabe, portanto, as abundantes perguntas feitas por Márcia Leite e Valter Filé (2002, p.08):

O que é e onde está a tecnologia que faz parte do cotidiano das nossas escolas e das nossas vidas? Como tratar deste tema sem cairmos no lugar da modernidade que professa o uso das “novas tecnologias da informação e da comunicação” como condição para o futuro digno da sociedade? Entretanto, qual o sentido desta dignidade? E sociedade digna, é uma questão da/para a tecnologia dita educacional?

Mesmo diante do imperativo tecnológico na sociedade contemporânea é preciso evitar os excessos e, como Marcia Leite e Valter Filé alertam, levantar questionamentos que possam desembaçar o para-brisa que nos possibilita olhar para frente de forma mais clara e prever que futuro nos espera. Isso significa investigar se, de fato, nessa caminhada do homem em busca do conhecimento podem as tecnologias se apresentarem como “philía” do saber. E, de modo intimamente pedagógico, cabe perguntar também como as tecnologias se apresentam como aliadas na melhoria do processo de aprendizagem?

Se referir às tecnologias quando se fala em processo de aprendizagem, de assimilação e obtenção de novos conhecimentos, significa também enfatizar que, em algumas realidades escolares, elas são quase tão naturais quanto o uso técnico do caderno, do lápis e da caneta. Agora, como professores do ensino público brasileiro, devemos atentar que na maioria de nossas instituições de ensino as tecnologias se apresentam como um tema ainda delicado e vivenciado apenas teoricamente. Mas se de modo geral, elas fazem parte do cotidiano não só dos estudantes, e, sim, da sociedade, é necessário pensar se nossas práticas de ensino aproximam-se da nova dinâmica de aprendizagem a partir do surgimento das ferramentas e plataformas digitais. Acreditamos ser mais interessante levantar questões sobre até que ponto e como as tecnologias podem exercer um papel de mediação pedagógica de forma significativa e como educar para o uso consciente e educativo delas. Mas convém enfatizar que essa teorização necessita ser desenvolvida a partir de uma realidade empírica de aplicação e observação. Pois não basta apenas afirmar que vivemos numa cultura tecnológica e, sim, elaborar um planejamento e propostas curriculares do uso das tecnologias em sala de aula capazes de atender as exigências do processo de aprendizagem e de educação de qualidade. Isso implica enxergar as novas tecnologias como aliadas ao homem na busca pela verdade e difusão de saberes, experiências e práticas educacionais. Verdades, saberes e práticas que mesmo na Era da Informação devem ser entendidos frente ao espaço permanente da aporia e das ausências de respostas, pois a produção dos conhecimentos em sala de aula não são meros preenchimentos lacunares, mas a própria reelaboração das questões que ainda não temos respostas – e que as tecnologias não podem, por elas mesmas, responderem a tudo.

Não podemos nos esquecer que nem toda tecnologia, necessariamente, exerce uma função estritamente educacional. Somos nós que atribuímos ou não um sentido pedagógico ao empregarmos o uso de determinado equipamento nos espaços escolares, como um computador, por exemplo, para fins pedagógicos de ensino e aprendizagem. Como afirma Paulo G. Cysneiros (2004, p.25):

O computador pode ser várias tecnologias educacionais, mas também uma tecnologia não educacional. É uma tecnologia educacional quando for parte de um conjunto de ações (práxis) na escola, no lar ou noutro local com o objetivo de ensinar ou aprender (digitar um texto de aula, usar um software educacional ou acessar um site na Internet), envolvendo uma relação com alguém que ensina ou com um aprendiz. No entanto, o computador não é uma tecnologia educacional quando empregado para atividades sem qualquer relação com ensino ou

aprendizagem, como o controle de estoque em uma empresa. Do mesmo modo, uma máquina copiadora pode ser ou não uma tecnologia educacional.

Pensamos que com uma maior quantidade de ferramentas para as nossas intervenções e mediações educativas há grandes ganhos. Mas diante dessa realidade tecnológica de possibilidades e desafios, principalmente no que tange a construção e difusão do conhecimento, a técnica da Filosofia continua sendo a de, por meio do exercício exaustivo da racionalidade, não deixar o humano alheio às transformações e mudanças que vem ocorrendo ao seu redor, nem desprovido de ferramentas adequadas para dialogar com a sua cultura, fundamentar suas opiniões e ideias.

Não por acaso que a pergunta “como ensinar filosofia?” continua ecoando no espaço escolar, e de forma mais urgente frente aos constantes anseios e apelos tecnológicos. Uma filosofia da tecnologia ou das influências tecnológicas nos incita a vários e constantes questionamentos. Como promover o reconhecimento da ignorância àqueles que se acham certificados de mais alto conhecimento? Como incentivar o gozo pela busca/pesquisa num terreno onde tudo, pretensamente, é dado e disponibilizado em rede? Como predispor os jovens estudantes à reflexão, ao filosofar quando a cultura do mínimo se faz presente, como afirma Paulo Reyes (2005, p.31):

A cultura das mídias exige um tipo de formato de informação que não está mais pautado na extensão, tampouco na continuidade lógica do argumento. É como se não fosse mais necessário que as coisas tivessem um início, um meio e um fim. Assim, a informação se apresenta, na atual modernidade, de maneira fragmentada. O fragmento tem por característica o mínimo.

Tal fragmento se torna bem evidente quando se faz uma rápida passeada pelas redes de relacionamento e interatividade como o Twitter, Facebook, Instagram e etc. A quantidade de memes que circulam por essas redes é enorme. Convém ressaltar que o problema não são os memes, mas o minimalismo epistemológico viralizante que pode levar ao desapego da contemplação e da investigação necessárias à reflexão mais profunda, ao filosofar. Os memes podem ser pedagógicos, mas não é pedagógico restringir-se aos memes, como se fossem aquilo de mais essencial na longa e árdua construção do conhecimento historicamente ponderados pela ciência, pela filosofia, pelas artes etc. Sabemos, é claro, não se tratar mais de meras imagens, frases, hashtag, gifs, que, porventura, podem representar certa fragilidade e fragmentação de ideias. Para a filosofia,

a aparente fragilidade e vulgaridade precisam ser levados a sério, devido a seriedade de seus efeitos. Não é só diversão e entretenimento, pois, como sabemos, tais dispositivos determinam a vida e o futuro até mesmo de uma nação - os exemplos atuais das eleições de Donald Trump, nos EUA, e de Jair Bolsonaro, no Brasil, são o suficiente para dimensionar a potência de memes, vídeos e hashtags. Então é preciso que essas novas ferramentas e métodos digitais de informação e comunicação sejam acolhidas – por parte das escolas e dos estudantes – como alternativas possíveis para auxiliar nossas práticas pedagógicas sem, no entanto, deixar de compreender que a investigação da realidade, de problematização do mundo e da incessante busca pela verdade demandam autonomia e criticidade investigativas.

Todas essas preocupações levantadas acima não se tratam de uma “tecnofobia”, até mesmo porque – como vimos mais acima – o uso das tecnologias é tão antigo quanto o próprio humano. A transformação dos materiais ao nosso redor em instrumentos e ferramentas que potencializam, auxiliam ou mesmo prejudicam o viver, acompanha o estar no mundo dos humanos. De tal modo que poderíamos colocar a questão, por que as novas tecnologias seriam vistas como algo nocivo às relações humanas e ao saber? Em sala de aula, por exemplo, na Era das tecnologias da informação, o professor tende a ter diante de si não mais um sujeito passivo, meramente ouvinte e acolhedor da boa nova. Os meios de comunicação gestam nos estudantes a sensação plena de liberdade e de poder de escolha. De fato, cientes da complexidade da simplificação proposta, os espaços virtuais ampliaram a participação democrática, o posicionamento político, a troca de informações e conhecimento – “isegoria” e “isonomia” digitais. A internet fez surgir uma nova ágora, um novo espaço de expressão da democracia participativa e direta, ao menos quanto à possibilidade de cada um contribuir para as discussões coletivas sobre pontos menos ou muito importantes. Como afirma, Reyes (2005, p.31-32),

A escolha passa a ser o “carro-chefe” dessa nova cultura. Estamos frente a um universo de informação cada vez mais fragmentado e diversificado, totalmente disponível ao meu desejo. Escolho aquilo que me é caro, aquilo que faz parte do meu desejo. Essa possibilidade de múltipla escolha está sendo potencializada pela lógica das redes, pois não necessito esperar a informação chegar. Posso acionar a rede de qualquer lugar.

As redes – que propiciam a cibercultura – possibilitam que o estudante tenha a sua disposição uma infinidade de informações que, se bem garimpadas e refletidas por ele, podem pressionar contra o quadro (ainda negro e com giz) o professor que se mostrar acomodado e desatualizado. O que e como ensinar diante desta nova configuração que se impõe no espaço escolar? Toda essa novidade ocasiona inúmeros debates – seja por parte dos próprios estudantes - principais sujeitos dessa problemática, que apresentam um certo fetiche tecnológico – sejam por meio das escolas e secretarias de educação. Quão diversas são as ferramentas e tecnologias digitais são as opiniões referentes a elas. O fato é que essas novas tecnologias possibilitaram uma rápida mudança no modo como o homem deve encarar a realidade e da própria noção de realidade. Assim, a investigação do próprio objeto tecnológico pode contribuir na aproximação do homem à verdade. Como afirma o filósofo Pierre Levy (2004, p.11),

Quanto valeria um pensamento que nunca fosse transformado por seu objeto? Talvez escutando as coisas, os sonhos que as precedem, os delicados mecanismos que as animam, as utopias que elas trazem atrás de si, possamos aproximar-nos ao mesmo tempo dos seres que as produzem, usam e trocam, tecendo assim o coletivo misto, impuro, sujeito-objeto que forma o meio e a condição de possibilidade de toda comunicação e pensamento.

Por trás dessas novas ferramentas de organização e produção de saberes está o homem, projetando sonhos, alimentando utopias e nutrindo também distopias, tecendo relações, armazenando uma maior quantidade de dados de suas pesquisas e de suas angustias devido à expansão virtual da memória e de uma maior e mais rápida capacidade de acesso às novas informações e conhecimentos advindos dos mais variados universos culturais, disponibilizados para consulta ou em tempo real por meio da disposição informativa dos sujeitos conectados na rede virtual.

A virtualização dos saberes

Para Pierre Lévy (2001, p.12), dizer que os saberes estão sendo virtualizados está longe de ser encarado como algo irreal ou superficial, como é visto no uso corrente pelas pessoas, até mesmo entre os profissionais do ensino:

[...] o virtual, rigorosamente definido, tem somente uma pequena afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário. Trata-se, ao contrário, de um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a plenitude da presença física imediata.

Por um viés otimista, o virtual é encarado como uma extensão do real, e não uma oposição a ele se, é claro, compreendermos o conceito de virtual como potência, aquilo que existe em sua imaterialidade. Basta lembrarmos a distinção feita pelo filósofo estagirita Aristóteles entre ato e potência, ao qual o termo virtual remete. Na Metafísica, Aristóteles diz o seguinte: “o que não tem potência de ser não pode existir em parte alguma, enquanto tudo o que tem potência pode também não existir em ato. Portanto, o que tem potência para ser pode ser e também pode não ser: a mesma coisa tem possibilidade de ser e de não ser” (ARISTÓTELES, 1050B). Pensando no que Aristóteles nos disse, Pierre Lévy (2001, p.15) explica o conceito de virtual:

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente.

Tal como a árvore está virtualmente presente na semente, poderíamos afirmar que o conhecimento está virtualmente presente nas informações compartilhadas em rede, pela cibercultura? Isto é, qual a potencialidade da internet e das mídias digitais de modo geral, na relação do homem com o conhecimento? Virtual e real tem se tornado, atualmente, uma das principais problemáticas da filosofia, como afirma Kolb (2001, p.11):

A determinação relacional entre as realidades virtual e real consiste em um dos problemas centrais da filosofia, da filosofia da mídia e da ciência em geral. Para muitos, a realidade virtual cada vez mais toma o lugar da realidade real; e não são poucos os que creem que a realidade virtual já se tornou a realidade única, a força, o poder, a chance e a esperança da ciência, da humanidade e do futuro.

Assim, no que rege a busca do homem pelo conhecimento, o que precisamos investigar é se esse universo digital, as tecnologias da informação e comunicação que propicia, segundo Pierre Lévy, a inteligência coletiva, conduz o homem ao ato do conhecimento ou se mantém apenas enquanto potencialidade, ou seja, na virtualização. Como o conhecimento se atualiza a partir das mídias digitais? Para alguns críticos amantes do passado, em relação ao processo de ensino e de aprendizagem havia conhecimento sem

tecnologias, já o presente é definido como tecnológico e sem conhecimento. A fome de pão pode não ser saciada se o fermento tecnológico, que potencialmente podem aumentar a massa de conhecimento, caírem em mãos preguiçosas. Assim também, a informação pode não ser transformada em conhecimento se não for acompanhada pelo movimento que leva ao ato do conhecimento. Seria o fim, então, do movimento do pensamento? Segundo Felipe, Paula e Sérgio, —vivemos em uma sociedade na qual o espaço para a reprodução é infinitamente mais amplo que o espaço para a criação e, infelizmente, a escola não foge a esse estado de coisas. (CEPPAS; OLIVEIRA; SARDI, 2009, p. 45). Segundo Umberto Eco, o excesso de informação pode se apresentar pior do que a falta, embora falta e excesso sejam dois extremos, segundo a lógica do meio-termo na ética aristotélica. Diz Eco, numa entrevista cedida à Revista Época em 2011:

A internet ainda é um mundo selvagem e perigoso. Tudo surge lá sem hierarquia. A imensa quantidade de coisas que circula é pior que a falta de informação. O excesso de informação provoca a amnésia. Informação demais faz mal. Quando não lembramos o que aprendemos, ficamos parecidos com animais. Conhecer é cortar, é selecionar.¹

A dificuldade está justamente aí, em saber selecionar aquilo que é importante, cortar aquilo que nos amarra na mediocridade intelectual, paralisa nossa tomada de decisões conscientes e livres. Segundo o psiquiatra Mário Louzã apud Luciana Amaral (2015),

A informação tem que ser metabolizada para se tornar conhecimento. Tem de haver um filtro. Nosso sistema de memória a arquiva conforme a importância, diz. Ele explica que toda atitude implica em uma análise e a tomada de uma conduta adequada perante os dados que se tem. Se o cérebro encontrar dificuldade nesse processo, a pessoa fica paralisada. O que faz com que a gente decida é a relevância das informações.²

Mas se fazem necessários, no tocante ao ensino de filosofia, uma metodologia e critérios pedagógicos claros para a atualização do saber, do conhecimento entendido como compreensão e transformação ativa das informações recebidas em um sentido edificante e coerente, em ações emancipadoras, capazes de posicionar criticamente os

¹ <https://epoca.oglobo.globo.com/ideias/noticia/2013/07/umberto-ecob-informacao-demais-faz-mal.html> (Acessado em 31 de maio de 2022)

² <https://emails.estadao.com.br/noticias/bem-estar,excesso-de-informacoes-pode-prejudicar-memoria-e-tomadas-de-decisoes,1000000331> (Acessado em 31 de maio de 2022)

nativos digitais nessa rede frenética de informações. Segundo Silveira, Teixeira e Carvalho a internet já não tem a mera função de ser uma fonte de pesquisa passiva, como uma consulta aos livros didáticos ou da própria internet antes de possibilitar espaços para interações, de interagir e colaborar na construção e compartilhamento de opiniões e informações sobre o mais variado assunto com um grupo significativo de pessoas.

A influência das redes sociais na formação de opinião e na capacidade de mobilizar os grupos de diferentes vertentes é algo extremamente relevante, independente da legitimidade dos eventos. Vimos em 2018, o presidente do Brasil, ser eleito tendo como principal forma de propaganda eleitoral a conversa com seus simpatizantes nas redes sociais - justamente pela rapidez e acessibilidade da informação. Como bem lembra Ana Raquel Abelha Cavenaghi e Richard Gonçalves André (2014, p.159), em um artigo sobre a virtualização publicado na Revista História Hoje:

[...] As redes sociais e os blogs têm demonstrado, de diferentes formas, certo poder de mobilização social mais ou menos inesperado pelos observadores contemporâneos: basta lembrar o papel desempenhado pelos usuários em mecanismos como o Facebook, o Twitter e os blogs nas manifestações que perpassaram diferentes cidades brasileiras em 2013, isso para não falar de fenômenos como os chamados —rolezinhosll, em que são agendados encontros em massa em certas localidades, como shoppings. O que está em jogo aqui não é a legitimidade dos eventos, mas o poder de mobilização das redes sociais, sem as quais, talvez, a dimensão desses movimentos seria impensável.

O caminho para o esclarecimento, a musculatura intelectual, a formação sólida das opiniões e ideias não se restringe a maior acessibilidade, rapidez e agilidade de informações. Como bem escrevem novamente Ana Raquel e Richard Gonçalves André (2014, p.159):

Apesar da velocidade na circulação das informações, cabe questionar as relações entre dinamicidade de leitura e construção do conhecimento. Malgrado o poder de mobilização das redes sociais no tocante aos fenômenos sociais contemporâneos, isso não necessariamente se correlaciona à reflexão e à maturação das ideias, transformando-as em conhecimentos mais elaborados.

Nesta era da informática em que vivemos, onde somos bombardeados cotidianamente por várias informações e que mudam o tempo todo, o pensamento facilmente pode se perder nessa correnteza, não criar raízes firmes e fortes o suficiente para dar frutos que alimente a reflexão.

O sujeito epistêmico

Segundo Anton Kolb (2001, p.9-10) as novas tecnologias da comunicação e informação dividem a sociedade em dois grupos distintos. Como se anjos e demônios invadissem nossos ambientes de trabalho, espaços escolares, relacionamentos:

Hoje em dia, as noções sobre o sentido ou contra-senso, sobre o benefício ou malefício trazido pelo computador, pela internet e pela realidade virtual dividem as pessoas em dois grupos, ou duas classes: otimistas e pessimistas. Há um abismo que hoje parece insuperável. A discussão gira em torno de chances e perigos, medos e esperanças, felicidade e infelicidade, compreensão e recusa, aceitação e rejeição, fascinação e frustração, entusiasmo e repúdio, sonhos e pesadelos, essência e aparência, luz e trevas, euforia e demonização, apoteose e apocalipse, céu e inferno. Alguns vêm a internet com simpatia, outros a consideram pérfida. Precisamos procurar, e encontrar, um caminho intermediário entre essas duas posições extremas. [...] Otimistas argumentam: com o computador o reino dos céus vem à terra. [...] Pessimistas crêem que o computador é o começo do fim.

Se a internet pode propiciar essa dupla realidade então ela não é neutra (embora, mesmo sem oficialidade, possamos falar em donos da internet, como os EUA, que tem controle majoritário dos servidores e dos endereços www) (FEIJÓ, 2005). Não ser neutra no sentido de ela poder exercer alguma influência sobre seus usuários, contribuindo para que sejam meros consumidores passivos, acríticos e, por isso, podendo ser alienados. Mas como vimos anteriormente, devemos fazer uma *filosofia da tecnologia*, isso significa pensar as tecnologias, fugir do julgamento apressado e infundado. Como afirma Pierre Lèvy (2001, p.11) referindo-se à virtualização, em sua obra *o que é virtual*:

Enquanto tal, a virtualização não é nem boa, nem má, nem neutra. Ela se apresenta como o movimento mesmo do devir outro' – ou heterogênese – do humano. Antes de temê-la, condená-la ou lançar-se às cegas a ela, proponho que se faça o esforço de aprender, de pensar, de compreender em toda a sua amplitude a virtualização.

Para aqueles que nasceram na era digital, e que vivem essa efervescência cibernética, há pouca negatividade quando julgam esse novo espaço e essa nova cultura da virtualização. É que, ainda segundo Kolb, o uso dos computadores e seu julgamento é muitas vezes uma questão de faixa etária. Os jovens já crescem com os computadores (KOLB, 1996, p. 09). Nesta gigante onda digital que estamos vendo crescer no mar agitado da pós-modernidade o que preocupa - ao menos em termos epistemológicos - não é a *morte do livro físico* (como temia o filósofo e escritor italiano Umberto Eco) - e sim a morte

do pensamento. A internet e as novas tecnologias ampliaram a praticidade no modo como temos acesso à cultura. O próprio Eco, tempos depois, em uma de suas entrevistas a Revista Época, afirmou ter usado e curtido o iPad. Em vez de carregar os 20 livros que precisava utilizar durante suas viagens pelos Estados Unidos, e já sofrendo a maldade de Cronos que nos recorda de nossa finitude e, por isso envelhecimento, resolveu aderir ao universo compacto das novas tecnologias. Então o que nos motiva nessa reflexão sobre a internet e o uso das tecnologias digitais é a forma como deixamos que se insiram em nossa busca e construção cotidiana de conhecimento. Faz-se necessário uma pedagogia da filtragem, para que o excesso de informações não acarrete em amnésia, como afirmou Eco:

[...] A internet é perigosa para o ignorante porque não filtra nada para ele. Ela só é boa para quem já conhece – e sabe onde está o conhecimento. A longo prazo, o resultado pedagógico será dramático. Veremos multidões de ignorantes usando a internet para as mais variadas bobagens: jogos, batepapos e busca de notícias irrelevantes [...]. Seria preciso criar uma teoria da filtragem. Uma disciplina prática, baseada na experimentação cotidiana com a internet. Fica aí uma sugestão para as universidades: elaborar uma teoria e uma ferramenta de filtragem que funcionem para o bem do conhecimento. Conhecer é filtrar.³

As novas tecnologias não podem ser acolhidas meramente como novas formas de entretenimento, aquilo que apenas distrai. Por isso convém perguntar com quais distrações nossos jovens estudantes canalizam a maior parte da atenção diária, quando ficam por horas na frente do computador ou do celular? Entreter-se em algo pode ser uma forma de despertar o desejo pelo saber, desde que objetivos claros sejam traçados nesse entretenimento. As novas tecnologias conectadas à internet podem tornar mais lúdica a aprendizagem e fornecer um número maior de informações sobre determinado assunto. Mas o excesso pode levar ao naufrágio da razão. Ainda mais se levarmos em conta que há um caminho longo entre informação e conhecimento. Segundo José Manoel Moran (2000, p.54):

Há uma certa confusão entre informação e conhecimento. Temos muitos dados, muitas informações disponíveis. Na informação os dados estão organizados dentro de uma lógica, de um código, de uma estrutura determinada. Conhecer é integrar a informação no nosso referencial, no nosso paradigma, apropriando-a, tornando-a significativa para nós. O conhecimento não se passa, o conhecimento cria-se, constrói-se. Alguns alunos não aceitam facilmente essa mudança na forma de ensinar e de aprender. Estão acostumados a receber tudo pronto do professor e esperam que ele continue “dando aula”, como sinônimo de ele falar e os alunos

³ <https://epoca.oglobo.globo.com/ideias/noticia/2013/07/bumberto-ecob-informacao-demais-faz-mal.html> (Acessado em 31 de maio de 2022)

escutarem. Alguns professores também criticam essa nova fórmula porque parece um modo de não dar aula, de ficar “brincando” de aula.

A velocidade com que as coisas mudam a partir desse novo tempo virtual é tão rápida que muitos temem estarem alienados do mundo se não estiverem conectados ao que está acontecendo quando, na realidade, a própria obsessão pela conectividade pode resultar numa forma de alienação. Então é preciso certa maestria ao surfar nesse mar digital e virtual para não ser arrastado pelas gigantes e constantes ondas de informações. Estar em posse de um número cada vez maior de informações passou a ser sinônimo de conhecimento. A razão é turvada diante dos constantes recebimentos e alertas de novos vídeos, textos, mensagens, memes, Fake News que são compartilhados nos grupos de Whatsapp, no Facebook etc. Perdemos o foco e somos corroídos pelas distrações. É possível ficar horas e horas na frente do computador ou do celular, deslizando o polegar de um vídeo a outro no aplicativo Tik Tok, por exemplo.

A questão que fica frente a esta realidade atropelada pela virtualização da vida é: afinal, como seguir falando em *conhecer* e *aprender* a partir de ambientes dominados pelas mídias sociais e tecnologias da informação? Como falar em construção diária e continuada de conhecimentos a partir de espaços em que a velocidade, a praticidade, as imagens descontextualizadas e a quantidade de informações são fundamentais? No título deste subitem falamos em “sujeito epistêmico”, de tal modo que as perguntas feitas se relacionam com os problemas levantados por Piaget (1978) ao dimensionar a “interação dos fatores sujeito-meio” – além da dimensão biológica e do construtivismo psicogenético. O tal sujeito epistêmico “não é uma entidade desencarnada, mas é interdependente do meio e de seu contexto: é um organismo vivo que se faz nas trocas e nas relações com o outro, as quais possuem poder constitutivo” (PAULETTI, ROSA, FENNER, 2014, p.14). E se o meio se faz *desencarnado*? E se o organismo vivo não se relaciona mais sem a mediação de aparelhos?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lembrando a célebre alegoria de Platão, como podem as tecnologias nos ajudar no processo epistemológico de saída dessa caverna contemporânea, onde somos aprisionados pela tirania da velocidade, do consumo alienado, do pragmatismo cultural? Nos dias atuais quase não há espaço para uma conduta reflexiva, uma análise rigorosa das

informações que são características indispensáveis ao sujeito epistêmico, aquele que busca o saber, a episteme. Essa busca ou desejo pelo saber só se torna realmente desejável quando se parte da pedagogia da ausência ou da impossibilidade, no sentido de buscar aquilo que não se tem. Mas na era da internet o que não há é ausência. Como lutar contra o excesso?

A filosofia tem uma marca etimológica, em sua origem histórica, por todos conhecida: desejar ou amar (filos) o saber (sophía). Quer dizer, o filósofo busca algo que não tem (à diferença do sofista, que supunha possuir o saber). Desde Sócrates, ensinar filosofia é ensinar uma ausência (ou talvez, uma impossibilidade) (KOHAN, 2008, p. 28).

Esse amor pelo saber pode ser traído pelo excesso de informações, na maioria das vezes confundido com conhecimento. O impacto pode ser inevitável. Pierre Lèvy (1999, p.21) afirma que a metáfora de que há um impacto das tecnologias sobre a sociedade é inadequada. Diz ele:

Nos textos que anunciam colóquios, nos resumos dos estudos oficiais ou nos artigos da imprensa sobre o desenvolvimento da multimídia, fala-se muitas vezes em impacto das novas tecnologias da informação sobre a sociedade ou a cultura. A tecnologia seria algo comparável a um projétil (pedra, obus, míssil?) e a cultura ou a sociedade a um alvo vivo...Essa metáfora bélica é criticável em vários sentidos [...]. As técnicas viriam de outro planeta, do mundo das máquinas, frio, sem emoção, estranho a toda significação e qualquer valor humano, com uma certa tradição de pensamento tende a sugerir?

Se a metáfora é adequada ou não, talvez outro termo pudesse resolver essa problemática. Mas o fato é que se faz preciso repensar o modo como os estudantes se relacionam com essas novas tecnologias digitais. E cabe aos professores e comunidade escolar alimentarem um ambiente de reflexão sobre esse cenário e mensurar até que ponto as oposições ou adesões radicais afetam a formação epistemológica dos sujeitos inerentes à escola. Como afirma Kenski (1998, p.61):

Favoráveis ou não, é chegado o momento em que nós, profissionais da educação, que temos o conhecimento e a informação como nossas matérias-primas, enfrentarmos os desafios oriundos das novas tecnologias. Esses enfrentamentos não significam a adesão incondicional ou a oposição radical ao ambiente eletrônico, mas, ao contrário, significam criticamente conhecê-los para saber de suas vantagens e desvantagens, de seus riscos e possibilidades, para transformá-los em ferramentas e parceiros em alguns momentos e dispensá-los em outros instantes.

Isso significa dizer também que inserir as tecnologias em sala de aula não equivale a afirmar que elas são tão indispensáveis como num centro cirúrgico, onde a vida do paciente, enquanto o médico sutura uma artéria, é garantida por auxílio de máquinas que medem a pressão, controlam os batimentos cardíacos etc. Inserir os aportes tecnológicos em sala de aula, por exemplo, não diminui a importância dos professores e professoras na experiência escolar de todos àqueles que ali estão. As tecnologias podem substituir espaços de inteligência, mas nunca de consciência. De tal modo que se fala em “inteligência artificial” nunca de “consciência artificial”, pois essa é unicamente humana. Um rápido exemplo que pode auxiliar até mesmo nas discussões em sala de aula: é 100% que um computador jogue um jogo de xadrez com mais inteligência do que um enxadrista profissional. No entanto, o computador nunca terá a consciência de frustração ao errar uma jogada, nunca sentirá o rubor na pele quando entender os rumos que o jogo terá após um novo movimento, nunca terá a consciência da derrota ou da vitória.

No fundo, pensamos que não se pode esperar da tecnologia ou dos humanos aquilo que eles não podem dar. Trata-se de um erro de análise de discurso. A tecnologia pode ser tão útil quanto absolutamente desnecessária em uma sala de aula. São os trabalhadores da educação que dão o valor para as tecnologias e não o contrário. Se inserir meios tecnológicos no ensino de filosofia for um ingrediente a mais para possibilitar a edificação da razão, dos sentimentos e do tornar-se melhor, ótimo. Agora, caso seja apenas mais um aparato para atender demandas mercadológicas, institucionais, políticas, familiares e de anseios alheios aos afazeres filosóficos, pensamos se tratar de mais uma máscara para cobrir as fatalidades que acompanham o mundo da educação brasileira. Retomando o título de nosso artigo, a ágora se fez, na antiga Grécia, enquanto espaço público de discussões, de reuniões e da vida civil em geral. A Ágora, se bem entendida, era um ponto de encontro onde os cidadãos tomavam contato com as manifestações publicamente compartilhadas. Então, a nossa pergunta se mantém: as tecnologias digitais podem ser entendidas como uma nova “ágora” para o filosofar?

Talvez, um dia, chegaremos a um ponto em que usaremos o termo “indissociável” ao falarmos em aprendizagem e tecnologias digitais, já que as tecnologias se impõem como um caminho sem volta. Mas, por enquanto, preferimos terminar com uma provocação em forma de trocadilho: não estaríamos vivenciando com as tecnologias digitais a formação de uma “educação do agora”? Uma educação do imediato, do sempre

urgente, da rapidez e do pouco preparo? Será que a Ágora perdeu o seu acento agudo e se transformou naquilo que mais a contrariava? A pressa, o mero passar, o esvaziar-se? Uma educação da Ágora não se confundira jamais com uma educação do agora.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Luciana. Excesso de informações pode prejudicar memória e tomada de decisões. **O Estadão de São Paulo**, em 13 de outubro de 2015. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/bem-estar,excesso-de-informacoes-pode-prejudicar-memoria-e-tomadas-de-decisoes,10000000331>>. Acesso em: 11 de mar de 2019.

CAVENAGHI, Ana Raquel Abelha; ANDRÉ, Richard Gonçalves. Para além da virtualização: a educação a distância e a revolução comunicacional Junho de 2014 159. **Revista História Hoje**, v. 3, nº 5, p. 158-159 – 2014. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/115>>. Acesso em 25 jun. 2018.

CYSNEIROS, Paulo G. **Novas tecnologias no cotidiano da escola**. Texto de apoio para o curso oferecido na 23ª Reunião Anual da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação), Caxambu, MG, Brasil, 24 a 28 de Setembro de 2000. Disponível em <http://www.anped.org.br>.

ECO, Humberto. Entrevista concedida a revista ÉPOCA. MILÃO, Luís Antônio Gironi de. **“Umberto Eco: Informação demais faz mal”**. 2011. Disponível em <<https://epoca.oglobo.globo.com/ideias/noticia/2013/07/bumberto-ecob-informacao-demais-faz-mal.html>> Acesso em: 15 de maio de 2022.

GIRON, Luiz Antonio. Umberto Eco: o excesso de informação provoca amnésia. **Revista Época**, 2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2011/12/umberto-eco-o-excesso-de-informacao-provoca-amnesia.html>> Acesso em: 10 de março de 2019.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. 8ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

KENSKI, Vani Moreira. **Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente**. Revista Brasileira de Educação, n.08, p.58-71, 1998. Acesso: 31 de maio de 2022.

KOHAN, Walter O. et al (Org.). **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2008.

KOLB, Anton. **Ciberética: responsabilidade em um mundo interligado pela rede digital**. São Paulo: Editora Loyola, 2001.

LEITE, Márcia; FILÉ, Valter. **Subjetividade: tecnologias e escolas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 2003.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2001.

MORAN, José Manoel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus Editora, 2000.

PAULETTI, Fabiana; ROSA, Marcelo Prado Amaral; FENNER, Roniere dos Santos. **O Sujeito Epistêmico e a Aprendizagem**. *Schème. Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*. Vol.06, n.1, jan/jul.2014, pp.4-26. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme/article/view/3948> (Acessado em 31 de maio de 2022).

PIAGET, J. **Pedagogia**. Trad. Joana Chaves. - Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

REYES, Paulo. **Quando a rua vira corpo ou a dimensão pública na ordem digital**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

Recebido em: 24/05/2022

Parecer em: 05/07/2022

Aprovado em: 05/08/2022